



Área: 4214cm² / 90%

FOTO Titagem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6966782

# Geração "slasher"

Fazem muitas coisas ao mesmo tempo e por isso precisam de um "slash" (uma barra) na apresentação.

Soraia Tomás é um dos exemplos desta nova geração. É enfermeira e DJ.

Weekend negócios



Área: 4214cm² / 90%

FOTO Tiragem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6966782



Bruno Teixeira Pires



REPORTAGEM

# Geração "slasher"



Soraia Tomás, de 27 anos, é enfermeira e DJ. "Para ter duas (ou mais) identidades profissionais, é preciso trabalhar muito, é necessário esforço, dedicação, e muitos jovens da minha idade não têm essa persistência."

Área: 4214cm² / 90%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6966782



Fazem muitas coisas ao mesmo tempo e por isso precisam de um “slash” (uma barra) na apresentação. Mariana Cáceres é ilustradora/tatuadora e Gonçalo Vicente apresenta-se como “personal trainer”/osteopata/formador. Soraia Tomás é enfermeira/DJ e Filipa Costa é terapeuta da fala/bailarina. Rondam os 30 anos e têm mais do que uma identidade profissional. Pertencer à chamada “geração slasher”, que se tornou um fenómeno na China, é pôr as experiências à frente da carreira ou colocar o propósito acima do “status” – mas em tempo de crise pode significar também uma alternativa.

A

sua atração foi sempre o desenho. Mariana Cáceres, de 28 anos, pensou em escolher Arquitetura ou Design, chegou a frequentar o curso de Restauo, mas acabou por estudar Desenho na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, ao mesmo tempo que descobria a ilustração e a banda desenhada no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual. A tatuagem veio depois. Ser ilustradora/tatuadora não era uma ambição, foi um acaso. Entrou no estúdio a acompanhar um amigo. “Gosto dos teus desenhos, queres aprender a tatuar?”, perguntaram-lhe. “Começou assim, do nada.”

“Não estava nada à espera, ainda hoje às vezes penso: uau, eu tatio muito!”, conta. Tem um estilo próprio, um traço que a distingue, seja num cartaz, numa página de jornal ou no corpo humano como suporte. Há quatro anos pôs fim às jornadas em cafés e restaurantes que mantinha em “part-time” para pagar as contas. Optar entre a ilustração e a tatuagem não está, porém, nos seus planos. Faz parte de uma geração que vive na “ânsia de fazer mais coisas” e “de experimentar”, mas também na precariedade.

“Quase todos nós temos um ‘slash’ (a barra que separa duas profissões). É muito difícil ser ‘só ilustradora’ ou ‘só tatuadora’”, explica. Sem emprego, nem contrato, ter duas identidades profissionais dá-lhe alguma liberdade e a segurança do vislumbre de um plano B.



Se, nos últimos anos, foram as tatuagens que lhe permitiram viajar muito e trabalhar em cidades como Berlim — os intercâmbios entre estúdios são comuns —; em 2020 o desafio foi sobreviver ao confinamento. “Durante a pandemia, os estúdios fecharam. Nessa altura, voltei a virar-me mais para a ilustração”, conta.

### UM FENÓMENO NA CHINA

O termo “slasher” foi usado pela primeira vez no contexto da popularidade profissional há bem mais de uma década: surgiu nos Estados Unidos, num artigo escrito em 2007 pela colunista do The New York Times Marci Alboher. A chamada “geração slasher” — descrita no livro homónimo de Susan Kuang, lançado em 2016 — é, no entanto, uma realidade que se mantém atual e um fenómeno de popularidade na China onde, segundo o periódico JingDaily, existe até um Slasher Festival.

O rótulo colou-se aos “millennials”, jovens adultos hoje nos vinte e trintas, com altos níveis de escolaridade e a trabalhar por conta própria, que assumem mais do que uma identidade profissional. Uma descrição que no Ocidente remete para o mundo dos “freelancers” — mais antigo e desigual (mas já lá vamos!) —, enquanto na China comunista se refere a uma elite urbana mais homogénea, que escolheu trabalhar por conta própria e privilegia o acumular experiências, sem ter de se cingir a uma única carreira profissional.

“O ‘freelancer style’ é uma realidade mais comum no contexto ocidental. Na China, é um fenómeno muito mais disruptivo”, clarifica a especialista em marketing Carolina Afonso, também professora no Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa.

Para esta geração, “the coolest identity today is to have more than one”, escreve o JingDaily. Ou seja, ter múltiplas identidades é sinónimo de sucesso. E são já cerca de 80 milhões os “slashers” chineses, a grande maioria com estudos superiores, a viver nas grandes urbes. Um grupo em ascensão, que se distingue também pelas opções de consumo e apresenta-se como um desafio para as marcas. Como a generalidade dos “millennials” se “movem por causas”, querem “novas experiências”, fazendo do “ato de comprar um ato de escolha, que tem de fazer sentido, e são avessos à vulgaridade do luxo ‘mainstream’”, explica Carolina Afonso.

### CONSUMISTAS CRITERIOSOS

Antes de se deter na caracterização com maior detalhe da “geração slasher”, a especialista ressalva que “não há sequer um consenso” em relação às balizas temporais da “geração millennial”. “Os jovens estão mais abertos à mudança. Mas ser ‘millennial’ não é uma questão de idade, tem muito mais que ver com o estilo de vida”, explica. E pode passar, além do que já foi dito, por viver uma vida não sequencial, acumular várias funções. “Não é a profissão que os define. Daí o ‘slash’, porque podem ter mais do que uma profissão”. São jovens “muito virados para o desenvolvimento pessoal e para as ‘soft skills’, que valorizam mais o seu dinheiro e são muito orientados para a cultura, para as questões ambientais, para o propósito das marcas, interes-

sa-lhes mais isso do que o ‘status’, explica.

As palavras do “slasher” de 27 anos Gonçalo Vicente confirmam-no. “Ultimamente, prefiro comprar menos coisas e com mais propósito”, diz. “O calçado é um bom exemplo. Já não ligo tanto à parte estética ou da moda, não vou atrás da marca mais conhecida, mas daquela que oferece sapatos realmente desenhados para o formato do pé, que vão tornar o meu pé mais saudável”, acrescenta. É “personal trainer”/osteopata/formador — e até há bem pouco tempo era também empresário. “Licenciei-me em Ciências do Desporto na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, e ser PT sempre foi a minha verdadeira paixão, mas não gosto de estar parado”, diz.

O turismo foi um “side business” nos últimos três anos. Os “roteiros fitness” por Lisboa levaram-no a ter sociedade numa empresa de “tuk tuks”, que acabou por fechar por causa da covid-19. A curiosidade pelo corpo humano é o que realmente o move e, essa, é inesgotável. Procurou na osteopatia um conhecimento terapêutico que pudesse utilizar como complemento dos treinos personalizados que orienta dentro e fora do ginásio. Dá também formação na Fitness Academy Portugal, em cursos de nível V, que permitem o acesso à cédula de PT profissional. Diferenciar-se é um objetivo, mais do que acumular identidades ou trabalhos. Lá fora já começa a ser usual e a ambição de Gonçalo é poder apresentar-se como “terapeuta do movimento” e assim deixar cair mais um “slash” na sua descrição profissional. A osteopatia e o treino personalizado “são áreas que se complementam”, explica.

### GERAÇÃO DESIGUAL

Para Vítor Sérgio Ferreira, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, do ponto de vista da sociologia, não faz sentido utilizar a palavra geração, “como se os jovens fossem todos iguais”. Além disso,



Área: 4214cm² / 90%

FOTO Tiragem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6966782

**Mariana Cáceres, 28 anos, é ilustradora e tatuadora. Optar entre a ilustração e a tatuagem não está nos seus planos. Faz parte de uma geração que vive na “ânsia de fazer mais coisas” e “de experimentar”.**

alerta, “este tipo de categorias — os ‘millennials’, a geração X, a geração Y, a geração Z, etc. — está quase sempre muito fundamentada em literatura estrangeira e há coisas que não acontecem ao mesmo tempo e em todo lado da mesma forma”. Um exemplo? Os chamados “baby boomers”. “Em Portugal, a II Grande Guerra teve efeitos suaves e essa mudança geracional só aconteceu já no pós-25 de Abril”.

Feita a nota, o sociólogo explica não querer com isso dizer que “o ‘slash’ não é uma questão relevante. A tendência “verifica-se de facto e é um produto social do neocapitalismo”. Num mundo assente em constantes mudanças tecnológicas, a mão de obra quer-se “o mais flexível e versátil possível”.

“O fenómeno ‘slash’ não é mais do que anteriormente a sociologia do trabalho descrevia como pluriatividade — uma ideia muito associada a condições sociais muito vulneráveis”, explica. É a necessidade, por vezes mais do que a von-



tade, que explica a existência de 16,5% de trabalhadores por conta própria em Portugal, bem como a elevada prevalência da dupla jornada, patente nos números revelados pelo Instituto Nacional de Estatística. A pandemia veio fazer cair o número para 154,3 mil no segundo trimestre de 2020, mas em 2019, quase 226 mil portugueses tinham dois trabalhos, o que significa 4,6% da população empregada.

Dentro do “freelancer lifestyle” e mais de acordo com a definição de “geração slasher” no livro de Susan Kuang, Vítor Sérgio Ferreira aponta o caso de jovens ligados à área artística com quem se foi cruzando ao longo da sua investigação sobre “as novas profissões de sonho”. “No mercado das tatuagens, por exemplo, os profissionais mais antigos eram só tatuadores, agora não. São jovens que vieram de cursos artísticos e que são também designers, etc. Existe a ideia de que há uma competência, saber desenhar, que pode ser transferível para várias atividades profissionais”, confirma. “As áreas de trabalhos manuais estão a esteticizar-se e a aumentar a sua reputação. Dizer ‘sou cozinheiro’ ou ‘sou cervejeiro’, hoje, não é a mesma coisa do que há 20 anos, é ser criativo também”, diz ainda.

Apesar disso, ser um “slasher” e fazer várias coisas ao mesmo tempo, ainda que possa ser uma opção, “vai sempre depender das condições de vida”, reforça. “O capitalismo neoliberal precisa de pessoas versáteis. Há todo um discurso à volta do empreendedorismo, das ‘soft skills’, que são competências transversais... Hoje valoriza-se a versatilidade e a adaptabilidade e o ‘slasher’ leva isso ao extremo”, explica. Se isso é positivo ou negativo, se permite maior segurança em alturas de crise ou não, são perguntas de difícil resposta. “As pessoas são fruto do seu tempo. Este é um discurso atual e que acaba por satisfazer as necessidades do capitalismo neoliberal. É bom para umas pessoas, mau para outras. Depende sempre do ponto de partida. Se a pessoa vier de uma família favorecida, vai referir a possibilidade de experimentar coisas novas, etc. Se não for o caso, encara a flexibilidade como precariedade. Tem tudo a ver com o contexto social.”

#### TRABALHAR A DOBRAR

Independentemente da envolvimento, é notório que a Internet veio facilitar a vida dos “slashers”. Soraia Tomás, de 27 anos, vive em Coimbra, é enfermeira/DJ techno e dedica-se ao estudo e divulgação das aplicações terapêuticas da canábica na associação Portugal Medical Cannabis. No passado, também já vendeu hambúrgueres vegetarianos e chegou a ter uma marca própria. Assume-se uma jovem “slasher”, num mundo global e tecnológico que o facilita, mas não olha para a capacidade de desmultiplicação dos mais novos como uma caracterís-

tica geracional. “Acho até que antigamente as pessoas eram mais guerreiras. Para ter duas (ou mais) identidades profissionais, é preciso trabalhar muito, é necessário esforço, dedicação, e muitos jovens não têm essa persistência”, sublinha.

Os turnos noturnos da enfermagem sempre lhe permitiram manter a presença em festas e “raves” — e hoje já não tem problemas em assumir as tatuagens e os piercings, em ser quem é e sentir-se livre também no contexto hospitalar. Ter um “slash” ligado à saúde valeu-lhe rendimentos em tempos de pandemia, na ausência de festas onde pôr música. “Depois de ter feito uma pós-graduação, decidi despedir-me e trabalhar só em ‘part-time’ e cheguei a pensar fazer um cruzeiro como enfermeira para ganhar dinheiro a sério”, revela. A covid trocou-lhe as voltas, mas é sem lamentos que o conta. Não lhe falta trabalho e com a paixão pelo estudo da canábica, por cujo potencial terapêutico se interessou durante a doença do avô, chegou-lhe a motivação que faltava.

#### IDENTIDADE MÚLTIPLA

A pandemia veio também desequilibrar a vida de “slasher” de Filipa Costa, de Guimarães. Com 30 anos, a terapeuta da fala/bailarina habituou-se a dividir o tempo entre o trabalho na clínica e o mundo do espetáculo. Mas desde março que as participações como bailarina em concertos de música popular portuguesa têm escasseado. “Fiz apenas umas quantas participações televisivas”, conta.

Dedicada à dança desde os 12 anos, Filipa Costa fez formações em diversas áreas e integra um grupo de dança oriental, recorrentemente chamado para eventos. Quis ser pediatra, escolheu ser terapeuta da fala e explica que a formação universitária sempre foi o “plano A”. Mas orgulha-se de ter contribuído para acabar com o estigma da música oriental e até da dança popular, muito associada à exposição do corpo. Não foi planeado, mas o que começou por ser um “hobby” remunerado de adolescente acabou por se transformar numa segunda identidade profissional. É como “slasher” que se assume e assim quer continuar. “Não me vejo, neste momento, a ter de optar.” w

**“Quase todos nós temos um ‘slash’. É muito difícil ser ‘só ilustradora’ ou ‘só tatuadora”, diz Mariana Cáceres.**



Gonçalo Vicente, 27 anos, é "personal trainer" e osteopata. O turismo foi um "side business" nos últimos três anos. Tinha sociedade numa empresa de "tuk tuks", que fechou por causa da covid-19.

Para esta geração, "the coolest identity today is to have more than one", escreve o JingDaily. Ou seja, ter múltiplas identidades é sinónimo de sucesso.

Área: 4214cm² / 90%

FOTO Tiragem: 16.981

Cores: 4 Cores

ID: 6966782